

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL

ANA SÉFORA BATISTA VENÂNCIO

VALORIZAÇÃO DA CULTURA QUILOMBOLA DO JOÃO SURÁ

MATINHOS
2015

ANA SÉFORA BATISTA VENÂNCIO

VALORIZAÇÃO DA CULTURA QUILOMBOLA DO JOÃO SURÁ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de especialista Gestão e Processos em Educação, Diversidade e Inclusão, pela Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof. Silvana Cassia Hoeller.

MATINHOS

2015

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO E PROCESSOS EM EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E INCLUSÃO.

Aos doze dias do mês de junho do ano de 2015 (dois mil e quinze), reuniram-se na sala temática EDUCAÇÃO DO CAMPO os membros da banca

examinadora: SILVANA CÁSSIA Haller; (orientador),

Maurício Cesar Otávio Fernandes e

GILSON WOLMER DABMBA para avaliação do

Trabalho de Conclusão de Curso do (a) cursista: Ana Sefra

Rafista Venancio

, sob o título:

VALORIZAÇÃO DA CULTURA QUILOMBOLA NA

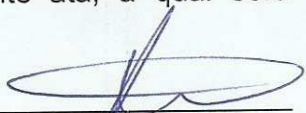
COMUNIDADE JOÃO SURÓ

Após a avaliação deliberou-se que o (a) referido (a) cursista foi aprovado (a) como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Gestão e Processos em Educação, Diversidade e Inclusão, tendo obtido conceito AS

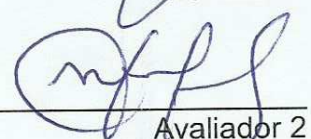
Nada mais havendo a tratar, eu SILVANA CÁSSIA Haller

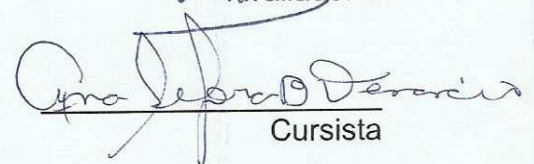
(orientador) lavrei a presente ata, a qual será

assinada pelos membros da banca.


Orientador


Avaliador 1


Avaliador 2


Cursista

VALORIZAÇÃO DA CULTURA QUILOMBOLA DO JOÃO SURÁ

VENÂNCIO¹, Ana Batista

seforabv@gmail.com

HOELLER, Silvana Cassia² - UFPR/Litoral

RESUMO

O artigo tem por objetivo expor a herança cultural de um patrimônio simbólico representado pela Sr.^a Joana Andrade Pereira (79anos). Visa identificar e valorizar as brincadeiras, contos, músicas e religiosidade de sua comunidade. Apontando a importância do resgate dessa cultura, afastando qualquer tipo de preconceito. Tende propiciar uma reflexão para que haja compreensão, em especial, das brincadeiras e cantigas, desnudando suas representações estereotipadas, alienadas e diversificadas por influência da mídia. O presente trabalho também mostra que é de forma didática, na prática do lúdico, e, inserindo no projeto político pedagógico do Colégio Estadual Diogo Ramos, que efetivará esse reconhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Quilombo; Cultura; Comunidade.

1 Ana Séfora Batista Venâncio – Graduada em Curso de Educação Artística pelo Centro de Ensino Superior de Uberaba e Pós-Graduada em Arte-Educação pela Faculdade Internacional de Curitiba.

2 Mestre pela Universidade Federal do Paraná. Professora efetiva do Curso Superior de Agroecologia no Setor Litoral. E-mail: silvanano@ufpr.br.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 COMUNIDADE QUILOMBOLA JOÃO SURÁ	6
2.1 HISTÓRICO DA COMUNIDADE: CULTURA, HISTÓRIA E IDENTIDADE.....	6
2.2 RELIGIÃO.....	7
2.3 COLÉGIO MUNICIPAL E ESTADUAL	8
2.4 EDUCAÇÃO.....	8
3 DOCENTES	9
3.1 DA CAPACIDADE DE DOCENTES	9
3.2 GESTÃO.....	10
4 DAS DIRETRIZES CURRICULARES DO PARANÁ	10
4.1 DA DISCIPLINA DE ARTE- EXPRESSÃO CORPORAL E ENSINO RELIGIOSO.....	10
4.2 PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO.....	11
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	12
6 PESQUISA DE CAMPO	13
REFERÊNCIAS	16

1 INTRODUÇÃO

Através de estudos percebeu-se a desvalorização da contribuição da cultura afro para o povo paranaense

Nota-se que há necessidade de resgatar e valorizar a herança cultural desse povo que, por aproximadamente 200 anos vem perdendo suas características. Os alunos da comunidade quilombola João Surá, frequentam o Colégio Estadual Diogo Ramos. Em suas vivências demonstram a influência da mídia, e o afastamento da sua própria essência.

Tendo em vista essa fraqueza pelo modismo, propõem-se o trabalho de resgate da tão importante cultura Quilombola, fazendo uso de estudos de livros, apostilas, caderno temático, pesquisa de campo, dentre outros.

A educação do campo busca concretizar projetos das políticas públicas, principalmente no Estado do Paraná, dentre a melhoria das diretrizes curriculares da educação, vem auxiliar o professor e reorganizar sua prática educativa, tornando-o cada vez mais próximas dessa realidade.

Esta comunidade conta com o apoio dos governos Estadual e Federal nas leis, verbas além de dar total liberdade de escolha. nota-se um avanço na área da educação como a construção de um colégio (verba do Governo Federal) de acordo com os costumes locais e materiais didáticos pedagógicos e a formação de um corpo docente, estes que estão passando por uma fase de adequação para atender as reais necessidades dos educandos em questão.

2 COMUNIDADE QUILOMBOLA JOÃO SURÁ

2.1 HISTÓRICO DA COMUNIDADE: CULTURA, HISTÓRIA E IDENTIDADE

O Estado do Paraná é composto por 88 comunidades negras dentre as quais 33 já se encontram em processo de reconhecimento e titulação de terras sendo caracterizadas como comunidades Quilombolas. A Comunidade de João Sura se encontra no município de Adrianópolis e está localizada a beira do Rio Pardo no Vale do Ribeira divisa entre os estados de São Paulo e Paraná e foi a primeira Comunidade Quilombola a entrar em processo de reconhecimento de terras no Paraná que, todavia ainda não foi concluído.

Esta região é conhecida por apresentar um dos menores “Índices de Desenvolvimento Humano (IDH)” do estado, além de altos índices de mortalidade infantil e analfabetismo. Apesar do IDH ser um parâmetro questionável, por avaliar apenas pontos restritos, sem levar em conta o contexto de cada localidade, pode vir a auxiliar na reflexão acerca da situação de vida destas populações, considerada as mais pobres do estado do Paraná (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2006).

Os moradores de João Surá possuem o conhecimento do perímetro das terras que historicamente usufruíram e das quais hoje lhes é negado o direito de propriedade. Estima-se que a área originalmente ocupada pelos quilombolas era de cerca de 10.000 hectares, perímetro demarcado pelo “Instituto Ambiental do Paraná (IAP)” e “Secretaria de Estado do Meio Ambiente (SEMA)” em julho de 2006. Sabe-se que habitavam inúmeras famílias na região, mas que a maioria a abandonou por volta da década de 1970, restando hoje uma pequena parte deste contingente; parte significativa das terras foi ocupada por posseiros e também muitas foram vendidas a fazendeiros e empresários.

Reivindicam hoje o direito à posse de suas terras, que não sendo tituladas encontram-se expostas ao domínio de pessoas “de fora”. A situação de opressão que enfrentam não é diferente de outras localidades, pois há a presença do “fazendeiro” que ocupa estas terras e coage a população a vender o que ainda ocupam, visando terras para cultivo de pinus. Esta atividade econômica está sendo responsável pela degradação e, porque não dizer, cultural, uma vez que, ao comprometerem o espaço físico que os

quilombolas ocupam, comprometem também elementos fundamentais para a manutenção de costumes e tradições, como os recursos naturais.

Os moradores de João Surá sobrevivem da agricultura de subsistência, pecuária em pequena escala, extrativismo e da caça e pesca que constituem as atividades essenciais para a garantia do alimento. Paralelamente realizam outras atividades na busca pela aquisição de renda, pois já não são mais autossuficientes na produção de alimentos como no passado, quando ainda não eram atingidos por conflitos externos. A maior parte desses grupos que atualmente vêm reivindicar seu direito constitucional o faz como um último recurso na longa batalha para manterem-se em terras, cujas são alvo de interesse de determinados membros da sociedade envolvente, em geral grandes proprietários e grileiros, cuja característica essencial é tratar a terra apenas como mercadoria: a “terra de negócios” em oposição à “terra de trabalho” dos quilombolas (MARTINS, 1991)

O clima da região é quente e úmido, os solos são geralmente férteis e o relevo é muito acidentado. A vegetação original da área é a Floresta Atlântica (SIMÃO, 2006). Entretanto, hoje dominam as pastagens e plantios de Pinus.

A região compreende três bairros: Sede, Poço Grande e Guaracuí.

Há como organização social a “Associação de Moradores” A Associação encontra-se liderada por Antônio Carlos Andrade Pereira, representante da comunidade em eventos e na tomada de decisões. A maior parte dos moradores participa das reuniões, que ocorrem mensalmente, e em caráter emergencial.

2.2 RELIGIÃO

Observa-se que a religiosidade é manifestada de inúmeras maneiras, desde com a presença de imagens nas casas, até realização de romarias e terços cantados. Além disso, há no calendário anual a realização de festas, como a de Santo Antônio, padroeiro da comunidade, e procissões.

Há uma única igreja localizada na Sede, que recebe a presença de um padre de Adrianópolis. Também são realizados, pelos próprios moradores, cultos aos domingos e em datas especiais. Grande parte dos moradores se assume como católico.

Clemilda Santiago Neto, em seu artigo, discorreu sobre a religião como:

“Já na Festa do Divino, que também acontece no mês de junho, as novenas são feitas de casa em casa. A Bandeira da Divina, visita cada casa, "pousa" nesta casa, cujo morador oferece janta, café da manhã e almoço para os visitantes, que só irão seguir para a próxima casa após o almoço e assim sucessivamente. O momento da chegada da Bandeira é de grande festa, com foguetes e cantoria. Os foliões (pessoas que acompanham a Bandeira) chegam a casa e pedem uma oferta para que a festa continue (pode ser em dinheiro) e uma prenda, que pode ser um alimento, um animal, ou o que o morador puder dar. Os moradores pagam assim promessas pelas graças alcançadas, como a boa colheita da roça, a saúde da criação (dos animais) que foram abençoadas pelo Divino. Todas as doações arrecadadas durante as visitas são anotadas num caderninho e assim seguem duas a três canoas carregadas com as prendas. No dia da Festa do Divino há um leilão com os animais doados pela comunidade, bingo, e muita comida (porco assado, espetinho, etc.). Toda a renda da festa vai para a Igreja.”

2.3 COLÉGIO MUNICIPAL E ESTADUAL

A Escola Municipal João Surá leciona matérias do 1º ano ao 5º ano do Ensino Fundamental e em uma sala única, multisseriada, os alunos assistem as aulas com uma professora .

Os alunos do 6º ano ao 9ºano do Ensino fundamental e 1º série, 2º série e 3º série do Ensino Médio, frequentam o Colégio Estadual Diogo Ramos, localizado na sede da comunidade, os alunos que não residem na sede, são transportados por uma condução fornecida pela prefeitura de Adrianópolis.

Atualmente, o Colégio Estadual Diogo Ramos funciona em uma estrutura de madeira, de poder misto, dividido entre a escola e a secretaria do meio ambiente (IAP).

Em breve, nova estrutura será disponibilizada para o funcionamento do Colégio Estadual, que contará com uma ótima construção em alvenaria, concedida pelo projeto do Governo Federal.

2.4 EDUCAÇÃO

Num primeiro momento, a meta educacional do país era corrigir a falta de acesso à escola, no caso da educação do campo, houve nítido esforço para garantir esse acesso; porém, por meio da transferência dos alunos de seu espaço social, econômico e cultural

para os espaços urbanos, pela via do transporte escolar.

Houve, deliberadamente, a negação da cultura entendida como rural, da forma e de estilo de vida nesses locais e da crença na impossibilidade da realização humana em ambiente que não fosse urbano industrial.

Com isso, perdeu-se muito da especificidade e da diversidade dessa visão de ensino. Concordo com Arroyo quando diz que “se a educação pública do campo está abandonada, a educação dos movimentos sociais é hoje uma das fronteiras mais avançadas do movimento pedagógico brasileiro”.

Pensar em educação do campo dentro de uma política educacional implica em reconhecer a identidade da escola, essa identidade é definida a partir dos sujeitos do campo, do modo em que estes se organizam, seus saberes e da cultura que produzem enquanto transformam a terra e o próprio contexto onde estão inseridos, bem como, dos conhecimentos e da cultura historicamente acumulados, produzidos na relação dialética entre o campo e a cidade.

A escola é compreendida como um direito e como um espaço educativo e a ela cabe, os processos educativos, a exemplo, conhecer, interpretar, e o que acontece dentro e fora dela.

3. DOCENTES

3.1 DA CAPACIDADE DE DOCENTES

FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Nível superior em Pedagogia para o Ensino Fundamental I

Nível Superior em área específica em cada disciplina para o E.F.II e Médio.

Prioriza-se os educadores da própria comunidade e seus conhecimentos produzidos na prática pedagógica cotidiana. Tomando por referência os saberes acumulados pelas experiências vividas nos movimentos sociais, nas lutas, no trabalho, na produção, na família. Na falta de profissionais dentro da comunidade, surge a necessidade de ofertar cartas de anuências (votação que ocorre dentro da comunidade

para a aceitação de profissionais vindos de fora).

3.2 GESTÃO

O colégio conta com uma diretora, um pedagogo, dois secretários, e quatro funcionários de apoio e sete professores PSSs.

4 DAS DIRETRIZES CURRICULARES DO PARANÁ.

4.1 DA DISCIPLINA DE ARTE- EXPRESSÃO CORPORAL E ENSINO RELIGIOSO

A presença de elementos e rituais das culturas de matriz africana nas manifestações populares brasileira;

Dança de natureza;

Religiosa: candomblé;

Lúdica: brincadeira de roda;

Contribuição artística da cultura africana na formação da Música Popular Brasileira: origem do batuque, do lundu e o do samba, entre outros;

Poética musical envolvendo o negro;

Nossos cantores e compositores negros: A Cultura Africana e Afro-brasileira e as Artes Plásticas: máscaras esculturas (argila, madeira e metal) ornamentos tapeçarias; pintura corporal; estamparia.

Artistas plásticos como Mestre Didi (Bahia-Brasil) e a presença-influência da arte africana nas obras de artistas contemporâneos;

Proposta interdisciplinar: explorar os conteúdos sobre a estrutura de fractais (física e matemática) presentes na arte africana (penteado, arquitetura, música, estamparia, objetos decorativos), entre outros;

Estudos das práticas corporais da cultura negra em diferentes momentos históricos;

A dança e suas manifestações corporais na cultura afrobrasileira;

Os brinquedos e brincadeiras na cultura africana e sua ressignificação nas práticas corporais afrobrasileira;

Os jogos praticados no Brasil pelos afrodescendentes e africanos numa perspectiva histórica;

As manifestações corporais expressas no folclore brasileiras;

A capoeira, seus significados e sentido no contexto histórico social, como elemento da cultura corporal.

Através da capoeira é possível resgatar toda historicidade do negro, desde o momento em que foi retirado do continente africano: motivo pelo qual tem seus significados as suas danças de guerra, caça, festas.

Estudar sobre as influencias das celebrações religiosas das tradições afros na cultura do Brasil

4.2 PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO (PPP E PROJETOS DE APOIO)

A Proposta Pedagógica Escola Quilombola e Etnodesenvolvimento Sustentável e Solidário foi elaborado durante o período de 2006 a 2008, a partir de demandas que se originou na Ação Pública do Governo do Paraná para as Comunidades Quilombolas do Vale do Ribeira-PR, realizada no dia 12 de maio de 2006 na comunidades Remanescente de Quilombo João surá – Município de Adrianópolis. O trabalho foi iniciado em agosto de 2006 em um diálogo com a Comunidades de João Surá, local onde foi criada a primeira escola Quilombola no Paraná . O início desse trabalho foi realizado sob a assessoria da professora dr^a Maria Clareth Reis, e a finalização do texto base contou com a consultoria das professoras Dr^o georgina helena Lima Nunes e Ms. Giselle Moura Schnorr e do prof. Ms. Lauro Cornélio da Rocha. Finalizado o documento ele foi submetido avaliação das demais comunidades quilombolas durante evento realizado em Guarapuava em outubro de 2008. O documento foi encaminhado ao Conselho aprovação. A aprovação da Proposta Pedagógica Quilombola ocorreu em Janeiro de 2010 e está em fase de implementação na Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos – Comunidade Quilombola de João Surá e é referencia para a construção de outras escolas quilombolas criadas ou em fase de criação no Estado do Paraná.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De todo o trabalho nota-se que existe um desencontro de interesses dos jovens em relação aos mais velhos, comunidade estudantil e corpo docente. A ideia era desenvolver um trabalho que buscasse as respostas de como incentivar e melhor compreender sua própria cultura o caminho foi percorrer tudo e a todos os interessados para a resolução do problema. Pesquisar, analisar entrevistar, encontrar um meio em que possa despertar interesse nos alunos e jovens desta comunidade, através do lúdico, oficinas de resgate cultural que permeiam temas como causos e histórias locais, músicas, religião, cultura dos alimentos, confecção de utilitários: trançados em palha e taboa. E como é gratificante aprendermos com eles. Transformar o resultado das oficinas em peças de teatro, pintura em tela, dança e música. Envolvendo toda a comunidade desde crianças, jovens e os mais velhos. Este instrumento tem grande aceitação entre todos, descobrimos assim um ótimo recurso de reflexão e conscientização. E para suprir a necessidade do “novo” sugere-se a contextualização com as outras culturas afro e não afro. Fazendo o aluno entender que cada cultura é construída de acordo com a identidade de um determinado povo, e quem foge dessa identidade estará desprezando todos os esforços, lutas de seus antepassados para a construção de uma sociedade igualitária.

6 PESQUISA DE CAMPO

Entrevista com Dona Joana, moradora e matriarca da comunidade.

Entrevistadora: As crianças de hoje brincam com as brincadeiras do seu tempo?

D. Joana: As crianças de hoje não dão nem um pouquinho de importância ou interesse nas brincadeiras de meu tempo. Tentei por várias vezes e eles nem ligaram para as minhas brincadeiras, aí eu desisti.

(Começa a cantar)

Meu galinho

Faz três noites que eu não durmo o lá...lá

Pois perdi meu galinho o lá lá..

Coitadinho o lá lá..

Pobrezinho o lá lá..

Eu perdi lá no jardim

Encomendei o lá lá..

Meu galinho o lá lá..

Coitadinho o lá lá..

Faz favor trazer pra mim.

(continua cantando)..

Relógio

Na matriz bateu uma hora

No relógio bateu duas

Que esta chegando a hora do meu sair na rua

Meu bem saia na rua

Vestinho de amarelo

As moças saem correndo

Em cima pensando que é um marmelo

D. Joana: Todas saem correndo atrás das outra pra pega, eu gostava muito das brincadeira de competição e sempre ganhava.

Entrevistadora: Como eram as brincadeiras?

D. Joana: Era muita brincadeira, minha cabeça tá muito ruim não vou consegui lembra. Lembro da cobra cega. A gente pegava um lenço e punha na cabeça pra tapá o visão, daí pergunta:

-Cobra cega de onde veio?

-Vim de cancela!

-Que que trouxe?

-Trouxe cravo e canela!

As meninas batem na menina que está de cobra cega e ela tira o lenço e corre atrás.

D. Joana: Todas saem correndo atrás das outra pra pega, eu gostava muito das brincadeira de competição e sempre ganhava.

Entrevistadora: Como eram as brincadeiras?

D. Joana: Era muita brincadeira, minha cabeça tá muito ruim não vou consegui lembra. Lembro da cobra cega. A gente pegava um lenço e punha na cabeça pra
(Dona Joana volta a falar triste de sua vida)

D. Joana: Quando eu era criança não pude ir pra escola não aprendi ler nem escreve porque tinha que trabaia na roça os dias de semana e no sábado e domingo fazia serviço da casa. Meu pai sabia um poco porque aprendeu na casca do palmito, mais tarde alguém ensinou ele escrever com tinteiro, pegava a pena e molhava na tinta. Tenho saudade da minha mãe que em dia de luar na lua cheia porque não tinha luz ela aproveitava o crarão e ensinava música de brincadeira.

(D. Joana começa a cantar)

Lua

De madrugada de longe eu vi

A lua sossegada de longe olhando pra mim

Levantei de madrugada antes do cuitelo vim

Eu dei um beijo na roseira
Antes do cuitelo vim.

D. Joana: Eu brincava muito quando criança, sempre antes das reunião da igreja quando os mais véio se reunia pra's reza.

Entrevistadora: Obrigada por dividir comigo suas vivências D. Joana, foi um prazer ouvi-la.

Entrevista com aluna do Colégio Diogo Ramos

Entrevistadora: O que você acha das crianças menosprezadas da época da D. Joana?

Aluna: É importante sim preservar nossas culturas, porém não podemos prender-se a ela e esquecer do que acontece em nossa volta, e é isso que está acontecendo na nossa educação do campo, devido a essa lei nos obrigam só estudar a realidade, e não é isso que queremos, temos vontade de ver e aprender mais além do que nos é oferecido, sentimos isolados de outros conhecimentos temos carência de muitas informações, precisamos buscar mais e pesquisar, criar, participar até mesmo do projeto político pedagógico.

Africanidade o assunto é bom, mas não nos dá chance de diálogo de participar dar opinião, compartilhar nosso desejo do que queremos aprender.

Eu aluna, digo e repito: O papel da escola não é fazer um elo entre a compreensão da cultura e a formação do estudante e não enfiar em nós somente 'AFRICANIEIDADE??.

O que pensam os professores

Eles têm dificuldades em trabalhar as diretrizes curriculares afrodescendentes e suas culturas da educação do campo está cada vez mais complexo, pelo motivo de não aceitarem essas normas impostas e preferirem adequar-se e os alunos não admitem que são influenciados pelo modismo, tem resistência ou vergonha de sua própria cultura, os alunos manifestam inquietude, cansaço e tédio em relação ao currículo.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel; FERNANDES, Bernardo Mançano. Por uma educação básica do campo: a educação básica e o movimento social no campo. Caderno 2. Brasília: Articulação Nacional Por uma Educação do Campo, 1999.

<http://www.historia.seed.pr.gov.br/modules/video/showVideo.php?video=5785> – acesso em 15 de outubro de 2014;

INSTITUTO SOCIAMBIENTAL. **Caiçaras, Quilombolas e Indígenas**. Disponível em: <<http://www.socioambiental.org/inst/camp/Ribeira/comunidades>> Acesso em: 18 de outubro de 2014;

MARTINS, J.S. Expropriação e Violência – a questão política no campo. São Paulo: Hucitec, 1991 (3a ed.);

SIMÃO, C. Diagnóstico Rural Participativo na Comunidade Quilombola João Surá, Adrianópolis, Paraná. Relatório Técnico apresentado ao projeto ENEC /VERSUS Extensão. PROEC/SCS/UFPR. Agosto, 2006;

Clemilda Santiago Neto - <http://quilombosnoparana.spaceblog.com.br/372533/HISTORIA-DO-QUILOMBO-DE-JOAO-SURA-MUNICIPIO-DE-ADRIANOPOLIS-ESTADO-DO-PARANA/> - acesso em 10 de outubro de 2014;

Educando para as Relações Étnico-Raciais II/ Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Diretoria de políticas e Programas Educacionais. Coordenação de Desafios Educacionais Contemporâneos. – Curitiba: SEED – Pr., 2008. – 208 p. – (cadernos temáticos dos desafios educacionais contemporâneos, 5).

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do. Diretrizes Curriculares de Arte para a Educação Básica. Departamento de Educação Básica. Curitiba, 2008.

Cadernos temáticos: inserção dos conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana nos currículos escolares / Paraná. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de ensino Fundamental. – Curitiba : SEED-PR, 2005. 43 p.